



Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cláudia de Souza Abdalla
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2020

A black and white conceptual image. In the foreground, a person stands on a dark, rocky outcrop, looking up. The sky is filled with glowing lightbulbs of various sizes, some of which are surrounded by intricate, glowing circuit board patterns. The overall atmosphere is one of intellectual pursuit and creative inspiration.

Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cláudia de Souza Abdalla
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Aportes éticos e estéticos em filosofia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cláudia de Souza Abdalla

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A644 Aportes éticos e estéticos em filosofia / Organizadores
Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura
Catarino, Cláudia de Souza Abdalla. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-599-0

DOI 10.22533/at.ed.990202411

1. Ética. 2. Filosofia. 3. Estética. I. Purificação, Marcelo
Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura
(Organizadora). III. Abdalla, Cláudia de Souza (Organizadora).
IV. Título.

CDD 170

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, é com imensa satisfação que trazemos até vocês o livro: Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia. Uma construção coletiva que traz 6 textos de autores diversos discutindo temas que perpassam pelos seguintes eixos temáticos: Democracia; Direito; Filosofia; História; Homem; Ideal; Música; Pensamento jurídico; Política; realização; Reformismo; Representação; Revisionismo e Tempo.

Na teia dialógica desta obra, encontramos discursos cujas reflexões atravessam a “conduta humana”, - os quais vinculamos aos aportes éticos -. Também nos deparamos com reflexões direcionadas à “faculdade de sentir” ou à “compreensão dos sentidos” que vêm estabelecer diálogos com os aportes estéticos, dentro dessa grande ciência do pensar, que é a filosofia.

O primeiro capítulo, traz uma reflexão acerca das políticas latino-americanas no intuito de repensar a democracia no século XXI. O segundo capítulo, discute o modo como o desenvolvimento das tecnologias digitais e as interfaces entre o ser humano e as máquinas. O terceiro capítulo, propõem uma forma de medição do tempo a partir do fenômeno musical, e assim, pensar como a melodia pode ser usada para medir o tempo. O quarto capítulo, apresenta os desafios da compreensão da realização da pessoa humana na história da filosofia, com destaque na vida realizada em Platão e Aristóteles, segundo o filósofo brasileiro Henrique de Lima Vaz. O quinto capítulo, analisa e reflete sobre a filosofia e sua aplicação no campo jurídico, na interpretação dos princípios e nos ideais de justiça. E por fim, o sexto capítulo, que investiga as contraposições de Luxemburgo ao Revisionismo de Eduard Bernstein, manifestas no Bernstein Debate. O exposto, demonstra as profundidades de discussões, que têm por meta contribuir para que vocês leitores façam boas leituras e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Cláudia de Souza Abdalla

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REFLEXIONES POLÍTICAS LATINOAMERICANAS PARA REPENSAR LA DEMOCRACIA EN EL SIGLO XXI Amelia Gallastegui DOI 10.22533/at.ed.9902024111	
CAPÍTULO 2	14
ÉTICA DA RESPONSABILIDADE, PÓS-HUMANISMO E CTS (CIÊNCIA TECNOLOGIA E SOCIEDADE) Kellen Smak Sidney Reinaldo da Silva Rogério Baptistella DOI 10.22533/at.ed.9902024112	
CAPÍTULO 3	23
MEDIR O TEMPO Tiago Vidal Corrêa DOI 10.22533/at.ed.9902024113	
CAPÍTULO 4	29
LIMA VAZ E OS DESAFIOS DA COMPREENSÃO DA PESSOA HUMANA Gabriel Florenço Dias Laureandro Lima da Silva Alex Pereira da Silva DOI 10.22533/at.ed.9902024114	
CAPÍTULO 5	43
FILOSOFIA E PENSAMENTO JURÍDICO: UM BREVE ESTUDO Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.9902024115	
CAPÍTULO 6	49
ROSA LUXEMBURGO E O <i>BERNSTEIN-DEBATTE</i> Darlan Faccin Weide Marizete Righi Cechin DOI 10.22533/at.ed.9902024116	
SOBRE OS ORGANIZADORES	60
ÍNDICE REMISSIVO	62

ÉTICA DA RESPONSABILIDADE, PÓS-HUMANISMO E CTS (CIÊNCIA TECNOLOGIA E SOCIEDADE)

Data de aceite: 20/11/2020

Data de submissão: 04/09/2020

Kellen Smak

Instituto Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade
Paranaguá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6362679281361293>

Sidney Reinaldo da Silva

Instituto Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade
Paranaguá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6150026983273466>

Rogério Baptistella

Instituto Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade
Paranaguá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/6012274792691891>

RESUMO: O enquadramento do ser humano como homo faber, aquele que age para transformar o mundo ao seu redor, já não é suficiente para compreender a condição humana na atualidade, uma vez que a humanidade se torna objeto de sua própria técnica. Se um novo conceito de homem como objeto da intervenção técnica tem surgido, então o enfoque CTS (Ciência Tecnologia e Sociedade) tem muito a contribuir com a filosofia, especialmente com a antropologia filosófica. Sendo assim, também

frente a questões éticas, essa colaboração pode ser muito profícua. Paradoxalmente, avanços da tecnociência têm sido acompanhados por retrocessos em termos ético-políticos, podendo mesmo ser vinculados a estes. O presente trabalho teve como objetivo discutir o modo como o desenvolvimento das tecnologias digitais e as interfaces entre o ser humano e as máquinas, num contexto de céleres modificações tecnológicas, alteram as condições do agir humano e, com isso, passam a exigir novas formulações éticas que possibilitem pautar a ação humana tanto frente aos seus semelhantes quanto perante às máquinas, sobretudo quando se considera que as fronteiras entre o corpo humano e máquinas tornam-se cada vez mais diluídas. Tomou-se como base da abordagem o conceito de hibridismo homem-máquina como elemento chave no discurso pós-humanista. Ao ser problematizada, do ponto de vista prático, a perspectiva pós-humanista exige ir além dos princípios éticos tradicionais. Assim tem-se feito cada vez mais reformulações éticas capazes de orientarem a humanidade nesses novos cenários. Este texto investigou, na obra de Hans Jonas, considerada uma das mais importantes reformulações da ética tradicional, aspectos que possibilitam a reflexão sobre como uma abordagem CTS que leve em conta a ética da responsabilidade permita investigar as condições de possibilidades e limites da integração ser humano-máquina.

PALAVRAS-CHAVE: Ética da Responsabilidade. Pós-humanidade. Hibridismo.

ETHICS OF RESPONSIBILITY, POSTHUMANISM AND CTS (SCIENCE TECHNOLOGY AND SOCIETY)

ABSTRACT: The framing of the human being as homo faber, the one who acts to transform the world around him, is no longer enough to understand the human condition today, since humanity becomes the object of its own technique. If a new concept of man as the object of technical intervention has emerged, then the CTS (Science Technology and Society) approach has much to contribute to philosophy, especially philosophical anthropology. However, also in the face of ethical issues, such collaboration can be very fruitful. Paradoxically, advances in technoscience have been accompanied by setbacks in ethical and political terms, and may even be linked to them. This paper aims to discuss how the development of digital technologies and the interfaces between human being and machines, in a context of rapid technological changes, change the conditions of human action and, thus, require new ethical formulations. enable human action to be guided both by its fellow men and by machines, especially when the boundaries between the human body and machines are becoming increasingly blurred. The basis of the approach was the concept of man-machine hybridity as a key element in posthumanist discourse. When problematized from a practical point of view, the posthumanist perspective requires going beyond traditional ethical principles. Thus there have been more and more ethical reformulations capable of guiding humanity in these new scenarios. This text investigated in Hans Jonas's work, considered one of the most important reformulations of traditional ethics, aspects that allow the reflection on how a CTS approach that takes into account the ethics of responsibility allows to investigate the conditions of possibilities and limits of human being integration machine.

KEYWORDS: Ethics of Responsibility. Posthumanity. Hybridism.

1 | INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcadamente um momento de deslumbramento frente às possibilidades bionanotecnológicas, mas também de incertezas frente ao seu potencial ambíguo. No final do século XX, o desenvolvimento das tecnologias digitais, a ampliação do uso de computadores e das telecomunicações acarretaram importantes mudanças sociais que implicaram na ampliação do armazenamento e processamento de informações e no aprofundamento das interfaces entre humano e máquina, formando-se uma rede de troca de informações que modificou de maneira profunda e estrutural as formas como o ser humano age, aprende, vê e interage com o mundo. A onipresença da tecnologia, com a profusão de sistemas inteligentes incorporados a todos os objetos do dia a dia, transforma toda a realidade que nos cerca. (SANTAELLA, 2007, p. 128).

Em meados da década de 80 a simbiose entre homem e máquina, ainda bastante preliminar, ficou conhecida pela ficção cyberpunk (movimento formado por jovens escritores que prenunciavam em seus escritos o futuro das tecnologias e a forma como estas poderiam interferir na vida humana) que exerceu um fascínio

pelo hibridismo e pelas interzonas entre o homem e a máquina. (Santaella, 2007, p. 129). Contudo, é na década de 90 que se dá o surgimento de expressões como “biomaquinal”, “pós-biológico”, “autômata bioinformático” e denotam a necessidade de novos vocábulos para definir o hibridismo humano com o maquinico-informático, considerando-se que a “condição pós-humana diz respeito à natureza da virtualidade, genética, vida inorgânica, ciborgues, inteligência distribuída, incorporando biologia, engenharia e sistemas de informação”. (SANTAELLA, 2007, p. 129)

Nesse contexto de constantes e irreversíveis transformações é possível e necessário refletir sobre o poder de interferência sobre a humanidade e elaborar uma ponderação filosófica acerca do que é essencialmente humano em um momento em que as fronteiras entre humanidade e tecnologia se confundem, originando-se o conceito de corpos pós-humanos, feitos de imagens, máquinas e informações sendo paulatinamente moldados e transformados pela tecnologia. (DYENS, 2001, p. 3).

2 I ABORDAGENS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E O HIBRIDISMO HOMEM-MÁQUINA

O conceito de pós-humano está relacionado à construção do corpo enquanto parte de um circuito integrado de informações e matérias, podendo ser humano e não-humano (HAYLES, 1996). O transbordamento da expressão pós-humano para o contexto sócio-político, contudo, se deu a partir do fortalecimento do feminismo momento no qual amplia-se o interesse sobre as tecnologias do corpo e os seus papéis socialmente construídos, dotados de significados e sob a influência do poder dominante. Nesse contexto, passa-se a reivindicar a existência dos corpos pós-humanos e a desconstruir antigas identidades e orientações hierárquicas, patriarcais e centradas em valores essencialmente masculinos, cuja obra mais emblemática, *A cyborg manifesto* (HARAWAY, 1985), promove uma leitura progressista do mito do ciborgue (híbrido entre humano e máquina) colocando em xeque dicotomias bastante arraigadas como corpo e mente; natureza e cultura; organismo e máquina. Sua importância fundamental está no fato de que ela não trata apenas de problematizar as relações entre humano e tecnologia, mas também a própria ontologia do ser humano, ou seja, aquilo que é fundamentalmente humano em seu sentido mais abrangente e que determina, de forma geral, a humanidade.

Podemos definir o híbrido entre homem e máquina como um ser biocibernético, termo cuja etimologia está livre de conotações arraigadas pelo imaginário televisivo que foi construído em torno do ciborgue. O corpo tecnologizado pode assumir ainda outras conotações como “corpo protético”, “pós-orgânico” e, ainda, “pós-biológico”. (SANTAELLA, 2007). Nesse sentido a tecnociência contemporânea (teleinformática e biologia celular) aprofunda ainda mais as relações entre o humano e a tecnologia,

subvertendo-se assim a sua configuração obsoleta (essencialmente biológica). Isso porque um meio ambiente amalgamado com as tecnologias exerce uma pressão sobre os sujeitos que nele se inserem passando estes, então, a buscar por um upgrade (melhoramento). Internaliza-se um novo imperativo relacionado ao desejo de ser compatível com um tecnocosmos digitalizado, o que leva à necessidade de recorrer a atualizações tecnológicas cada vez mais frequentes, impondo-se “rituais do auto-upgrade cotidiano”. (SIBILIA, 2002). Tais rituais trazem consigo a possibilidade de romper com a condição estritamente humana e, a partir de um novo paradigma tecnocientífico, o homem pós-biológico torna-se capaz de romper com as limitações impostas por sua organicidade.

De forma distinta, Roy Ascott entende o homem pós-biológico de forma estritamente pragmática e, enquanto fruto de processos reais, não necessariamente derivado de uma vontade humana de forjar a sua própria realidade. Para o autor, tal processo dá origem a uma era úmida (moist) que nasce da junção de um ser humano molhado (wet) com o silício seco (dry). (ASCOTT, 2003). Para o autor, há uma hibridização indiscernível entre o orgânico-biológico e o maquinico-cibernético, na medida em que, por exemplo, nanotecnologias implantadas abaixo da pele têm a capacidade de interagir e direcionar, de forma silenciosa, moléculas do corpo humano. Ascott possui uma visão teleológica acerca do pós-humano desvinculando-o de questões sociais, políticas e de gênero. Para Halberstam e Livingston (1995) corpos pós-humanos são causas e efeitos de relações pós-modernas, sendo concebidos como uma tecnologia, enquanto que para Pepperell (1995), o termo “pós-humano” pode possuir três sentidos: i) o fim do humanismo, enquanto período de desenvolvimento social (visão determinista); ii) a ideia daquilo que concebemos como humano está passando por transformações na medida em que o que se entende por humano possui um significado bem diverso em relação a outros tempos; e iii) há um movimento de convergência entre organismos e tecnologias até o ponto em que tal união torna-os indistinguíveis.

A realidade virtual, a globalização das comunicações, as tecnologias protéticas, as bionanotecnologias e as redes neurais caracterizam essa nova era de pós-humanidade. Porém, há que se ter cautela com a profusão de conceitos do senso comum tomados como sinônimos de pós-humanidade. Ainda é premente a necessidade de criação de uma abordagem crítica acerca desse conceito com o fito de superar as ideias obscuras e superficiais no que se refere ao pós-humano que, por vezes, é colocado como um estágio transitório de evolução e inteligência cujo caminho ideal seria a superação completa das vulnerabilidades e limitações, incluindo-se o envelhecimento e a morte. (FELINTO, 2006). Em oposição a uma visão superficial e limitada é necessário ponderar que a condição pós-humana e a revolução biotecnológica colocam a humanidade frente a dilemas éticos

inimagináveis dado que o pensamento ético se estabelece sobre o fato de que nunca foi necessário visualizar alternativas de escolha para o que se consideravam características definitivas da condição humana.

3 I PÓS-HUMANIDADE E OS DESAFIOS DA ÉTICA CONTEMPORÂNEA

Em relação aos dilemas éticos impostos pelo desenvolvimento da tecnologia e sua relação com o homem, Hans Jonas, já na década de 70, denunciava as modificações ora estabelecidas em nossa sociedade em constante transformação como dignas de atenção e cuidado. Com a proposta de um novo imperativo ético para uma civilização tecnológica Jonas frisa que o futuro é um lugar absoluto e está acima do presente sendo que, por essa razão, a responsabilidade é um dever das gerações presentes. Para ele, a questão da mortalidade, em oposição ao prolongamento da vida, deve sempre problematizar os riscos e benefícios para a espécie humana no seguinte sentido: “em que medida seria justo barrar o lugar da juventude, ocupando-o? Ter de morrer liga-se ao ter nascido: mortalidade é apenas o outro lado da fonte duradoura da natalidade”. (JONAS, 2006, p. 58).

Cabe-se questionar em que medida a forma como a manipulação genética e as demais intervenções no corpo e na cognição desfiguram a concepção de humano para compreender qual a crítica de Jonas ao chamado *enhancement* (melhoramento, em tradução livre) humano. Jonas parte do princípio deontológico da dignidade humana, abandonando a ontologia do princípio responsabilidade, partindo sempre da rejeição à utilidade do homem (razão instrumental), uma vez que o homem deve ser tratado enquanto fim em si mesmo. (BECCHI, 2004).

As possibilidades de ampliação da performance humana, da manipulação genética e do melhoramento, trazidas pelos avanços tecnológicos configuram-se como um poder ambíguo que, a despeito de seus benefícios, tornou-se extremamente perigoso frente à fragilidade da vida. Frente a tal dicotomia, é possível afirmar que as éticas tradicionais não dão conta de responder aos dilemas trazidos pelos novos poderes e não são capazes de orientar a ação humana. Sendo o papel da fundamental da ética a orientação para o agir, neste momento faz-se premente uma ética que nos oriente em relação aos usos dos novos poderes que sejam orientados por novos saberes capazes de guiar as ações humanas.

A formulação imperativa de Jonas afirma que se deve agir de tal forma que que os efeitos da sua ação sejam compatíveis com uma vida genuinamente humana (na essência), que é o que Jonas chama de vida humana digna, conforme o direito de a humanidade continuar existindo. Conforme Lopes (2018, p. 70), “[t]rata-se não apenas de um imperativo concernente à existência, mas também e principalmente à essência do homem; um imperativo categórico ontológico que reclama a dignidade

da genuína condição humana”. Sendo assim, a defesa da ideia de homem é o fundamento último do imperativo de Jonas, uma vez que a imagem de homem se constitui como o fundamento metafísico da ética e esta concepção de homem é que deve ser respeitada também no que se refere às transformações biotecnológicas. (LOPES, 2018). O que Jonas alega é que o prolongamento da vida, de forma indiscriminada, implicaria em uma humanidade envelhecida, tornando impossível o nascimento de novos indivíduos e restringindo o direito de vida destes. Sendo assim “o prolongamento da vida humana é questionado por não considerar a natalidade como propriedade essencial da condição humana, isto é, da abertura radical da humanidade aliada à natalidade” (LOPES, 2018, p. 72).

Além disso, a intervenção sobre o comportamento humano ultrapassou as antigas categorias éticas no sentido de que não fomos preparados para “julgar o controle psíquico por meio de agentes químicos ou pela intervenção direta no cérebro por meio de eletrodos”. (JONAS, 2006, p. 60). A potencialização das características humanas e a manipulação genética comprometem a dignidade humana já que com tais intervenções “damos um passo à frente no caminho que nos conduz de sujeitos responsáveis a sistemas programados de conduta”. (JONAS, 2006, p. 60).

As mutações tecnocientíficas estão em uma linha de continuidade e de aumento de complexidade daquilo que constituiu o homem desde que passou à posição bípede e se comunicar pela fala. Sendo assim,

o corpo abandona suas funções, lançando-as no exterior, onde adquirem novas funções. Assim, a boca evoluiu da captura de alimento para a fala, a mão deixou de ser pata e se soltou para pegar as coisas, e mesmo fabricá-las, e, então, para desenhar, escrever etc.; a memória deixou o cérebro passar ao papel e agora aos chips. (SERRES, 1986).

Sendo assim, uma vez que a técnica e a tecnologia acompanham a humanidade desde a sua origem e constituem o ser humano enquanto simbólico, que se comunica por meio de uma linguagem, a tecnologia integra o próprio corpo a partir do momento em que a fala, por exemplo, retira o ser humano do mundo animal (instintivo) e o coloca no mundo artificial (regido por códigos). Portanto, todas as demais tecnologias são prolongamentos daquilo que foi concebido pela natureza. SANTAELLA (2007).

Contudo, para Jonas, o homem, por ser um objeto de contemplação para si próprio, cria sua auto-imagem, e pode possuir a si próprio, reconhecendo-se como mortal e, da mesma forma como a tecnologia e as artes são dimensões humanas representadas por ferramentas e imagens, a própria metafísica humana relaciona-se com as sepulturas uma vez que “de alguma maneira afrontam a nossa aparente finitude e avançam do visível em direção ao invisível, do sensível até o supra-

sensível. A sepultura é justamente o testemunho visível desta afronta” (JONAS, 1992, p. 45). Sendo assim,

a ideia de homem é aquela de um organismo animal radicalmente aberto, por sua imaginação livre, ao mundo, o que significa ao mesmo tempo radicalmente individualizado, ponto extremo da separação entre um self e um ambiente. Enquanto tal, ele é um ente livre que vive segundo a imagem que ele forja de si mesmo (LOPES, 2018, p. 77-78)

A concepção jonasiana acerca do enhancement humano pauta-se de maneira bastante relevante no que tange ao julgamento daquilo que é melhor. Para ele “a simples pretensão a tal conhecimento deveria ser razão suficiente para desqualificar o pretendente” (JONAS, 1987, p. 177), ou seja, para julgar aquilo que é melhor para o ser humano, o julgador deveria estar em uma condição supra-humana, complementando ainda que, de forma pretensiosa, enganamo-nos mutuamente sendo que não nos deveria ser confiado o nosso próprio destino já que, de maneira arbitrária e míope, pretende-se escolher entre opções com base naquilo que é desejável. Os impactos dos seres humanos sobre o meio que habita alcançaram proporções gigantescas. A ampla utilização de equipamentos industriais, os usos desenfreados dos recursos naturais (elementos, recursos, animais) e a queima de combustíveis fósseis estão intrinsecamente conectados ao modo de produção e consumo da sociedade das máquinas. O crescimento da espécie humana pressiona a natureza a um limite insustentável ameaçando não somente a vida humana, mas todas as outras formas de vida. As interferências do homem sobre a Terra e sobre si precisam de uma nova ética que seja capaz de exercer um poder sobre o poder tecnológico do homem.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica Jonasiana ao enhancement humano está centrada nas possibilidades de prejuízo humano devido à descaracterização de sua humanidade e cerceamento da liberdade existencial, que pode resultar em um padrão arbitrário e míope em relação àquilo que é melhor, levando a um reducionismo pautado naquilo que é geneticamente modificado.

Desta forma, pode-se afirmar que a ética tradicional já não é suficiente para atender às exigências dos poderes alcançados pelo ser humano a partir do desenvolvimento da técnica. A busca por uma vida melhor e mais saudável aliada aos avanços tecnológicos acabam por designar ao próprio ser humano o conhecimento capaz de interferir e modificar a vida e o seu entorno. Trata-se, portanto, de uma reflexão filosófica acerca da própria ontologia do ser humano já que,

[d]entro desse novo contexto, a filosofia viu-se repentinamente obrigada

a caminhar com agilidade compatível com a evolução dos conceitos e das descobertas e com as conseq[ue]ntes mudanças que passaram a se verificar no cotidiano das pessoas e coletividades. Parâmetros morais secularmente estagnados passaram a ser questionados e transformados, gerando a necessidade do estabelecimento de novos referenciais éticos que, por sua vez, requerem da sociedade também ordenamentos jurídicos pertinentes à nova realidade ante a ruptura da gasta polarização entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto (GARRAFA, 2003, p. 216).

Tal pensamento encontra-se muito alinhado com a necessidade de uma ciência eticamente responsável em que a tecnocracia ceda lugar à tecnologia a serviço da humanidade. Ao passo que o homem destrói a sua própria casa, o local que é capaz de assegurar sua existência, a necessidade de uma nova ética faz-se premente para garantir um futuro compatível com a existência de todas as formas de vida, uma vez que

[o] futuro da humanidade é o primeiro dever do comportamento coletivo humano na idade da civilização técnica, que se tornou "todo-poderosa" no que tange ao seu potencial de destruição. Esse futuro da humanidade inclui, obviamente, o futuro da natureza, como sua condição *sine qua non*. Mas, mesmo independente desse fato, este último constitui uma responsabilidade metafísica, na medida em que o homem se tornou perigoso não só para si, mas para toda a biosfera (2006, p.229).

A necessidade de se estabelecer uma ética pensada para o futuro é concebida dentro de uma escolha posta pelo dilema existente entre abandonar o mundo conhecido ou responsabilizar-se por ele. Jonas estabelece que a responsabilidade acerca da existência das gerações futuras é prioridade da geração presente. Para ele

a primeira regra para o modo de ser que buscamos depende apenas do imperativo do existir. Todas as outras se submetem ao seu critério, que não pode ser fornecido isoladamente por nenhuma ética eudemonista e nem por uma ética de compaixão. [...] A primeira regra é a de que aos descendentes futuros da espécie humana não seja permitido nenhum modo de ser que contrarie a razão e que faz com que a existência de uma humanidade seja como tal exigida (JONAS, 2006, p. 94)

Ele propõe uma ética que seja suficiente para a formulação teórica e também da sua aplicabilidade prática no intuito de orientar o agir humano baseada no primeiro imperativo categórico de sua ética: o de que haja a humanidade (Dass eine Menschheit sei) objetivando a formulação de uma norma universal que englobe também sua reflexão na prática. Sendo assim, a ética do futuro é motivada pelo dever de conservação do ser e de manutenção da espécie humana com suas

características de humanidade verdadeira, constituída por sujeitos de direitos sendo a necessidade de zelar pela humanidade o ponto de partida para a elaboração de todos os demais deveres.

REFERÊNCIAS

ASCOTT, Roy. **Telematic Embrace. Visionary Theories of Art, Technology, and Consciousness**. Berkeley, University of California Press, 2003.

DYENS, Ollivier. **Metal and Flesh. The Evolution of Man: Technology Takes Over**. Trad. Evan J. Bibbee e Ollivier Dienz. Cambridge, Mass., The MIT Press, 2001.

FELINTO, Erick. A Comunicação dos Autômatos: sobre o Imaginário do Pós-Humanismo na Internet, in: **Galáxia 11**, junho de 2006, pp. 107-24.

FUKUYAMA, Francis. **Nosso futuro pós-humano: consequências da revolução da biotecnologia**; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

HALBERSTAM, Judith & LIVINGSTON, Ira. **Posthuman Bodies**. Bloomington, Indiana University Press, 1995.

HARAWAY, Donna. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-feminism in the Late Twentieth Century, in: **Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature**. New York, Routledge, 1985, pp. 149-82.

HAYLES, Katherine. Complex Dynamics in Literature and Science, in K. Hayles (ed.). **Chaos and Order**. Chicago, The University of Chicago Press, 1991, pp. 1-36

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro, Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.

LOPES, Wendell E. S. A crítica de Hans Jonas ao enhancement humano In: **Dissertatio**, vol suplementar 7, mai 2018.

PEPPERELL, Robert. **The Post-human Condition**. Oxford, Intellect, 1995

SANTAELLA, Paula. Pós-humano – por quê? In: **Revista USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-134, jun-ago 2007.

SERRES, Michel. Preface, in: **L'Oeuf Transparent**. Paris, Flammarion, 1986.

SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 29, 30, 40, 42

Aristóteles 29, 31, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 48

C

Contemplação 19, 32, 34, 35, 36, 40

D

Democracia 1, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Direito 18, 19, 43, 44, 45, 46, 47, 48

E

Ética da responsabilidade 14

F

Fenômeno 23, 24, 25, 26, 30, 31, 34, 45, 50, 51

Filosofia 2, 14, 20, 23, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 59, 60, 61

Filósofo 1, 2, 29, 31, 32, 38, 45

G

Grécia 24, 32, 37, 44

H

Hegel 31

Hibridismo 14, 16

História 29, 30, 31, 33, 34, 36, 40, 44, 45, 48, 50, 51, 52, 58, 59

Homem 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

I

Ideal 6, 17, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 46

Ideias 17, 30, 33, 44, 45, 48, 52, 59

L

Luxemburgo 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59

M

Modernidade 31, 34, 35, 42

Música 23, 24, 25, 26, 27, 28, 37

P

Pensamento jurídico 43, 44, 47

Platão 29, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48

Política 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 36, 37, 41, 46, 48, 52, 54, 55, 56, 57, 59

Pós-humanidade 14, 17, 18

R

Realização 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 52, 54

Reflexão 14, 20, 21, 30, 31, 41, 45, 46, 47

Reformismo 49, 50, 53

Renascença 34, 36, 41

Representação 26, 28, 60

Revisionismo 49, 50, 51, 54, 56, 58, 59

Revolução 17, 22, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Rosa Luxemburgo 49, 50, 54, 59

S

Solipsismo 35

T

Tempo 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 35, 48, 51, 54



*Aportes
Éticos e
Estéticos em
Filosofia*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Aportes Éticos e Estéticos em Filosofia

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 